

A PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMPO EM MOACYR SCLiar

*Raquel Souza**

A modernidade, que inicia a partir de meados do século passado, revela o homem como um ser fragmentado, atormentado por constantes dilemas e reflexivo acerca de seu próprio papel dentro do cosmos. Já não há mais um herói, para quem os valores morais e éticos eram imutáveis. O Bem e o Mal alternam-se e as certezas objetivas são substituídas pela visão subjetiva do sujeito.

O mundo transforma-se numa aceleração muito rápida. Por um processo de industrialização mais rigoroso do que vinha acontecendo até então (a chamada segunda Revolução Industrial, com o desenvolvimento das áreas naval, têxtil e metalúrgica e as novas fontes de energia, tais como o carvão, o petróleo e a eletricidade), a humanidade vê-se pressionada a assumir aquilo que a geo-política designa de “contração espaço-tempo”. De sorte que as relações humanas adquirem uma nova perspectiva e com isso o Homem avoca novos pontos de vista sobre si próprio e sobre os fatos e acontecimentos que o cercam.

Dentro desse panorama, o movimento de ruptura com os laços de um homem idealizado reflete-se, seguramente, nos meios de produção literária. A Literatura, como forma de expressar uma sociedade, abandona os padrões rígidos, onde os antigos valores contestados e uma nova ética sobre a humanidade é posta em jogo. Neste movimento, a própria estrutura narrativa fica comprometida com a fragmentação do homem. A dúvida ocupa um lugar fundamental no cotidiano. As certezas são relativas e a esse respeito as personagens atravessam o universo diegético varadas pela eterna busca de respostas para seus dramas.

Os gêneros literários, em consonância com a modernidade, rompem com o dogmatismo e instituem uma espécie de intercâmbio entre as categorias que os instituem. A poesia invade a prosa; a História e a Filosofia dominam

* Doutoranda em Literatura Brasileira na UFRGS, Porto Alegre.

o romance; conhecimentos da Psicanálise são utilizados como propulsores para o desenvolvimento das personagens; os narradores assumem posições conflitantes; o espaço não se restringe ao plano meramente concreto e físico; o mito de eterno retorno toma configuração de fundamento para a existência; problematiza-se o tempo, instituindo-se várias categorias temporais.

A partir da afirmação de que “o tempo é um dos grandes articuladores da literatura contemporânea” (1), o romance atual provoca um abalo na ordem cronológica do tempo. A fusão do passado com o presente e com o futuro coincide, historicamente, com o momento de Proust, Gide, Faulkner e Joyce. É após estes escritores que, na opinião de Anatol Rosenfeld (2), o romance moderno passa a desestruturar aquele até então praticado, e relativiza e subjetiviza o tempo, antes forma absoluta de consciência.

A nova percepção do tempo estende-se não somente a alegorias pictóricas ou a afirmações puramente teóricas oriundas de alguma personagem. A assimilação da relatividade temporal se mostra a começar pela estrutura composicional da narrativa.

O fluxo linear é abolido em benefício de uma nova apreensão do tempo. Isto é, a cronologia dá lugar a uma diegese feita de pulos, avanços e recuos no espaço temporal. O sentido da cronologia funda as experiências das personagens, de sorte que a busca de uma orientação inscrita no pretérito marca a vivência do tempo presente da narrativa.

O romance **Sonhos tropicais**, de Moacyr Scliar (3), insere-se, justamente, dentro da problematização do tempo. O jogo temporal encetado pelo autor abarca, de um só golpe, as categorias do passado (biografia de Oswaldo Cruz), do presente (o narrador com seu “diálogo” trans-temporal) e do futuro (acontecimentos relativos ao pesquisador norte-americano). É em função desta temática que pretendemos abordar **Sonhos tropicais** (4).

1. Esta frase foi proferida pela professora dra. Kathrin Rosenfeld em sala de aula, durante a disciplina Teoria da Literatura Brasileira, no curso de Pós-graduação em Letras - área de concentração doutorado em Literatura Brasileira, ocorrida no primeiro semestre de 1993, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

2. ROSENFELD, Anatol. **Texto e contexto**. São Paulo: Perspectiva: 1976.

3. SCLAR, Moacyr. **Sonhos tropicais**. São Paulo: Cia das letras: 1992.

4. Ainda que seja um romance, cujos elementos de literariedade não sejam perfeitamente manuseados pelo autor, entendemos que Moacyr Scliar é representativo dentro do panorama das Literaturas do Rio Grande do Sul e Brasileira contemporâneas, e, em função disso, escolhemos a obra **Sonhos tropicais**, pois se trata da última publicação do escritor, a qual tematiza a problematização do tempo.

Uma das marcas diferenciadoras entre o Classicismo e o Romantismo consiste na diferença em sentir o tempo. A atitude clássica desenvolveu um sentido espacial, no qual o passado restringia-se à crescente acumulação de acontecimentos completos em si mesmos, blocos imobilizados dotados de valor específico para guiar ações do presente e do futuro. Os românticos, por seu turno, vêem na civilização uma unidade biológica em desenvolvimento e, portanto, o sentido de fluidez acompanha este período, isto é, o “agora” é dado pela corrente contínua do tempo. Ainda no século XIX, duas ciências, a Antropologia e a Psicanálise, enfatizam a “regressão”, ou seja, intensificam-se no homem moderno a noção de que estados passados incorporam-se no presente. O homem unitário, ou sua representatividade como sociedade, não passa apenas por certas fases de desenvolvimento, mas sobretudo estas fases estão todas presentes concomitantemente no indivíduo e no coletivo, o que provoca modificações comportamentais conscientes.

O homem antigo acreditava numa ordem cósmica que envolvia Deus, o próprio homem, o animal, os vegetais e os minerais, obedecendo à hierarquização. O homem moderno relativiza esta ordem e o mundo mostra-se em pedaços, sem nenhuma coerência. A perda do “tempo absoluto” provoca a fragmentação não só do homem, como do próprio tempo e, na literatura, ocorre a luta para expressar o sentido da vida como uma seqüência de impressões não-causais. De sorte que, num mundo diferente, onde os limites da Criação e do Juízo Final não marcam mais o tempo, cada indivíduo tem consigo seu próprio sistema temporal.

Mendilow (5) diz que o gênero romanesco propõe um assunto relacionado ao mundo em que vivemos, conhecido através de nossos sentidos. Cada indivíduo carrega seu próprio sistema em volta de si. O herói é rígido externamente pelo tempo cronológico comum a todos. Entretanto, durante a espera de que algo aconteça, o tempo psicológico o domina. Enquanto na iminência de algum acontecimento, utiliza a memória relembrando fatos e reinterpretando eventos carregados emocionalmente.

Ora, a narrativa de Moacyr Scliar se abre justamente em função de um encontro que se realizará entre o narrador e um historiador norte-americano. O momento da espera, que dá o motivo ao texto, suscita o diálogo trans-temporal do médico fracassado com Oswaldo Cruz.

Em função de um momento que está para chegar (o tempo futuro), o

5. MENDILOW, Adam A. **O tempo e o romance**. Porto Alegre: Globo: 1972.

narrador reinterpreta a vida do sanitarista brasileiro. Aparentemente instigando o próprio biografado, traz para o tempo presente os episódios da vida de Oswaldo Cruz.

O jogo temporal que aqui se imprime é bastante peculiar. O tempo pretérito, notadamente a vida histórica de Oswaldo Cruz, presentifica-se na vida do narrador com se ele estivesse presenciando os eventos ocorridos no início do século XX. O narrador localiza-se cronologicamente na linha temporal oposta à do biografado: fim do século.

Este movimento de presentificar o passado se faz, não só pela rememoração da História, mas substancialmente pela marcação verbal que o narrador imprime ao aparente diálogo com Oswaldo Cruz. A cada episódio que relata sobre a vida do sanitarista brasileiro, utilizando o indicativo presente ("*Evoco-te. Falo-te*" - SCLIAR; 1992:11), o narrador dirige-se à personagem em constantes frases inquisitórias abolindo a marcação verbal do pretérito, ainda que o contexto a ser narrado pertença ao passado histórico: "*Coincidência, Oswaldo? Não.*" (SCLIAR; 1992:40).

Neste momento, seria oportuno lembrarmos a opinião de Mendilow acerca de uma das grandes conseqüências sobre a problematização temporal nos romances modernos. Diz o crítico que o uso da troca de tempo, do fluxo de consciência e de técnicas interpretativas da psicologia moderna propiciaram um movimento *devoltar-se para o interior e sondar os níveis mais profundos da consciência ou busca de seu material* (MENDILOW; 1972: 42-43).

Moacyr Scliar, parece, dramatiza e tensiona a consciência do narrador, fazendo uma tentativa, em alguns momentos, de mostrar seus problemas sociais, políticos e pessoais:

Ah, Oswaldo. Quem protesta dentro de mim? O jovem estudante de medicina? O demagogo candidato a vereador? O ressentido ex-médico da fábrica? O adorador da pesquisadora loira? O homem que sobre ti lê sem parar? O confuso? (SCLIAR: 1992:175).

Ou ainda quando aparece a solidão:

Não me deixes aqui sozinho, não me abandones, tu és a única pessoa que eu tenho, o único a quem posso falar (SCLIAR; 1992:208).

No entanto, o que é explicitado como a intenção do autor, na narrativa, é a biografia de Oswaldo Cruz, acrescidos os elementos marcadamente de romance histórico. A complexidade da personalidade de Oswaldo Cruz não é inteiramente explorada. O que ocorre é o narrador e o seu drama particular servindo como sustentação à reelaboração da vida do sanitarista brasileiro.

Em se tratando de um "romance histórico", uma vez que a narrativa faz o levantamento da vida de um homem que reconhecidamente viveu e desempenhou uma função social no Brasil de início do século (6), é necessário concordarmos com Mendilow acerca das variedades temporais inerentes ao gênero, que aqui estão presentes.

Em princípio, o **romance histórico direto** pode ser narrado pela voz de um pseudocontemporâneo dos fatos, ou por uma visão onisciente, preferencialmente em terceira pessoa. O passado que se revela é marcado como passado, contudo é proposto como ficcionalmente presente ao leitor.

Ora, Scliar subverte esta noção sobre o "romance histórico". O tempo da narrativa que ele propõe, sem dúvida, está alicerçada na história pertencente ao passado (*o Brasil fim de século chama o Brasil do começo do século* - SCLIAR; 1992:11). O romance é engendrado pela voz de um narrador homodiegético não-contemporâneo dos fatos narrados, porém onisciente em relação ao passado que relata e ao futuro que o aguarda (ao narrador). A marca explícita da presentificação do passado, como já foi referida anteriormente, se encontra no uso do indicativo presente para a escritura biográfica.

Nesta medida, o locus de tempo de tema do romance se coloca em combinações de diversos tipos. Mendilow teoriza que o assunto dos romances modernos podem ser: contemporâneo ao autor; histórico, antecedendo autor e leitor; antevisando o futuro; simultaneamente histórico e contemporâneo; ou por fim, contemporâneo e futuro.

Em **Sonhos tropicais** o autor mescla as categorias de locus de tempo elaboradas pelo crítico. Numa convergência de tempos, o assunto que verte do romance se apresenta concomitantemente calcado: no passado histórico referente a biografia de Oswaldo Cruz e no diálogo dos dois homens

6. Sobre características específicas deste gênero romanesco, presentes em **Sonhos tropicais**, devemos ressaltar algumas técnicas de autenticação do discurso, que conferem veracidade ao objeto narrado. Ver, para esta particularidade, não apenas as datas fixadas na malha textual, mas sobretudo as transcrições literais de anúncios e pequenas notícias retiradas de jornais da época que o romance retrata. Como a proposta deste trabalho é investigar a problematização do tempo, não nos deteremos na tipologia do romance histórico referente a **Sonhos tropicais**.

comentando os eventos do início do século XX, ambos elementos temporalmente distantes do autor e do leitor; na contemporaneidade do narrador, uma vez que ele vive na época atual e sofre seu drama no mundo de hoje; e no futuro do presente, que se relaciona direta e exclusivamente com a chegada do pesquisador norte-americano ao Brasil e suas aventuras no país tropical.

É interessante observarmos, na obra de Moacyr Scliar, algumas particularidades acerca da identificação e da transferência temporal. Como já foi referido anteriormente, o chamado "romance histórico" trabalha com uma série de elementos que visam promover a autenticidade daquilo que está sendo narrado. Não sendo um texto puramente ficcional, o romance histórico deve obediência ao tempo cronológico dos eventos. Posto isto, o narrador onisciente, ou a narração em forma de diário de algum pseudocontemporâneo, configura-se como o mais praticado pelos romancistas que pretendem realizar o romance histórico.

Ora, o romance histórico deve sempre propor uma espécie de transferência ao leitor. Via de regra, o pretérito que marca a narração histórica, necessita de seduzir o leitor a ponto de ele consentir na ilusão de que está testemunhando o passado (material temático do romance histórico); desta maneira, o uso verbal do pretérito é apreendido como um presente imaginário.

Moacyr Scliar, subvertendo a categoria do narrador, engendra um monólogo interior (narrador homodiegético) no qual o passado é tratado no indicativo do presente. A rememoração que o narrador faz se refere a conhecimentos adquiridos por exaustivas leituras sobre a vida de Oswaldo Cruz: sua onisciência provém, portanto, da área cognitiva e não pelo testemunho dos fatos. O aparente diálogo (narrador - Oswaldo Cruz), na verdade um monólogo, dá conta de anular o espaço temporal entre o biografado e o narrador. Mesmo se tratando de fatos históricos localizados distanciadamente no tempo (início do século XX), através da ruptura que o autor realiza em relação ao narrador e ao uso do pretérito, o leitor é convidado a seguir a ação no momento em que ela está acontecendo, isto é, não apenas no presente como instante congelado (eu sou), mas sim no sentido de fluidez do presente acontecendo (eu estou sendo).

A problematização do tempo, em *Sonhos tropicais*, entretanto, não se resume somente a estes aspectos acima relacionados.

Do ponto de vista ficcional, trata-se de um romance de três tempos, isto é, três temas centrais, cada um com uma duração específica, mas que se inter-relacionam constantemente.

O futuro abre o romance. *Ele virá, Oswaldo* (SCLAR, 1992:5). Não se trata de mera possibilidade. O futuro do presente do indicativo postula a certeza absoluta do acontecimento. De sorte que o narrador, fazendo uma afirmação categórica acerca do que sucederá, dá início a sua matéria narrativa, tendo como elemento causador para seu aparente diálogo o encontro indesejado com o pesquisador norte-americano. É na iminência deste encontro que o narrador elabora um diálogo, com fins de contar seu próprio drama e os percalços da vida de Oswaldo Cruz, sem que, no entanto, o interlocutor responda uma vez sequer.

É em função do tempo futuro que emerge o passado e o presente:

E o que escuto agora, Oswaldo, enquanto espero pelo homem que virá, é longínquo eco de uma voz clamando por ti. (SCLAR; 1992:11)

Partindo de uma ação que se realizará no porvir, o narrador adentra no passado e resgata a figura do sanitarista brasileiro. O tratamento verbal conferido a sua narração é o indicativo presente, ainda que o material esteja circunscrito no passado histórico do país e que o próprio narrador não vivenciou. O locus de tempo do tema, portanto, é um período já decorrido.

Do jogo entre o futuro e o passado, surge o momento atual do narrador. É neste locus de tempo que o autor trabalha os pequenos dramas do médico frustrado que conduz a diegese. Quem lhe serve de paradigma é, por certo, a personalidade do biografado. O paralelismo entre o médico fracassado (o narrador) e o médico vitorioso (Oswaldo Cruz) é marcado por contraposições como:

Ah, Oswaldo, que inveja tenho de ti de tua ardente esperança, de teu ingênuo entusiasmo. Será que algum dia fui como tu, Oswaldo? (SCLAR; 1992:)

Há, em relação ao presente do narrador equiparado ao passado presentificado do biografado, uma tentativa, talvez incipiente, de movimento catártico. O que, ao final do romance, não se realiza como solução do drama de consciência do narrador. A narração da morte de Oswaldo Cruz marca a intrínseca dependência entre aquele que vive no fracasso e o outro que, morrendo, entra para a História do país.

Mesmo terminando a biografia de Oswaldo Cruz, o narrador permanece preso ao biografado. A catarse não chega à culminância: *Aqui estamos, Oswaldo, junto a ti.* (SCLAR; 1992:210)

É de se notar que o movimento cíclico sobre o tempo (passado, presente e futuro) não se realiza obedecendo a uma hierarquia temporal. Os temas concernentes aos tempos estão em constante movimentação dentro da obra, ou seja, um tema entra na esteira do outro. Fecha o movimento espiralado do tempo, a morte do biografado, o retorno do pesquisador aos Estados Unidos e a diluição da voz do homem que fala com Oswaldo Cruz. Resta, apenas, uma situação ficcional, onde dois anônimos cidadãos contemporâneos do biografado (que simbolizam a crítica do povo) se referem aos sonhos tropicais, que deixam somente um saldo:

*Leitores, conhecem o Oswaldo,
Rapaz elegante, rapaz dos bonitos
que mata amarella matando mosquitos
Dos quais resta apenas um último saldo?*

A significação irônica é patente, da qual percebe-se um constrangimento em relação aos ideais e uma certa inutilidade/incompreensão deles.

É preciso assinalar, ainda, em relação a problematização do tempo, o sentido cosmogônico do retorno ao pretérito. Não se tratando apenas e tão-somente de uma biografia, **Sonhos tropicais** busca o passado como forma de explicar o presente e, ainda mais, de inserir na estrutura composicional da narrativa a concepção cíclica (isto é, não-linear) do homem frente ao fenômeno temporal.

O sentido cosmogônico, ou seja, a inserção do homem no tempo mítico no romance **Sonhos tropicais** elucida alguns pontos sobre a marcação verbo-temporal no pretérito.

O tempo mítico pressupõe a possibilidade de retorno à origem. O movimento que se faz é circular, daí sendo deduzida a descontinuidade da vida/tempo. Ligado ao tempo sacralizado (mítico) está a cronologia inexistente, ou seja, o “eterno presente”, de sorte que o desejo do homem ao se inserir no tempo mítico consiste em se reintegrar a uma situação primordial e engendrar a regeneração do próprio tempo, começando-o de novo. Em oposição, o tempo profano dogmatiza a linearidade e a continuidade, através do somatório infinito de pequenas frações de instantes (a cronologia) (7).

Ora, o narrador, ao escolher um aparente diálogo com seu biografado

já morto, para efetuar sua narrativa, manifesta seu desejo de retornar a um tempo de origem, de começo. Esta intenção é afirmada explicitamente logo no início do romance, onde a visão da circularidade é uma certeza:

O Brasil fim de século chama o Brasil do começo do século; astronauta perdido no espaço comunica-se com o planeta Oswaldo (...) Porque as vozes, nós o sabemos, não se perdem nem no espaço, nem no tempo (SCLIAR; 1992:11).

Rememorando os eventos inscritos no tempo histórico, secular e linear que marcaram a existência de Oswaldo Cruz no Brasil do início do século XX, o narrador retorna a um tempo de origem (nascimento do biografado em 1872 até sua morte em 1917) e reconstrói o passado, já que seu presente é insatisfatório.

O movimento descontínuo e cíclico que o tempo mítico pressupõe é, na estrutura lingüística, elaborado através do tratamento do indicativo presente dado ao passado. Isto é, o sentido de presentificar uma época já decorrida se revela no tempo e modo verbais empregados, de sorte que o leitor, na companhia do narrador, passa a assistir, como se fosse um filme, a vida do sanitarista brasileiro.

Convém ressaltar que, embora o sentido cosmogônico se fundamente na elaboração de um tempo mítico, ocorre um movimento dialético onde o narrador utiliza, igualmente, o tempo profano (linear e cronológico) para dar vazão à vida de Oswaldo Cruz.

Surge, portanto, a certeza de uma deslocação incidente no tempo, onde os elementos do binômio mítico/profano se alternam e se entrelaçam na composição da diegese de Moacyr Scliar.

De sorte que a narrativa **Sonhos tropicais**, embora tenha o princípio básico de realizar a biografia do médico sanitarista Oswaldo Cruz, insere-se no contexto descrito na primeira parte deste trabalho. Rompendo com alguns elementos tradicionalmente constitutivos da escritura biográfica e do romance histórico, **Sonhos tropicais** enquadra-se perfeitamente nos romances contemporâneos que problematizam o tempo não apenas por alusões de cunho filosófico, mas fundamentalmente pela estrutura composicional da narrativa.

7. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Editora Livros do Brasil: s/d.